

## PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA AMPLIADA: EXPERIÊNCIAS, PROCEDIMENTOS DE PESQUISA, EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS, AMAZÔNIA PARAENSE

Ellen R. S. Miranda  
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)  
Endereço eletrônico: ellensilva@ufpa.br

Doriedson S. Rodrigues  
Universidade Federal do Pará - UFPA (Brasil)  
Endereço eletrônico: doriedson@ufpa.br

2569

Ao compreender que é a vida que produz a consciência e não o contrário, conforme Marx e Engels (2009), tratamos nesta exposição sobre primeiros resultados de pesquisa de doutorado em andamento, com ênfase nos procedimentos metodológicos, baseados na hipótese de que lutas sociais, de acordo com Rodrigues (2012) cotidianas em defesa de modos de vida, conduzem processos do que compreendemos como noção-conceito, que pode vir a ser de *formação econômico-cultural quilombola*, enquanto parte da classe trabalhadora ampliada, no contexto de experiência conforme Thompson (1981), de Territórios Quilombolas, na Amazônia Paraense.

Assim, neste momento, provocados pela indagação de - como se faz pesquisa em Comunidades/Povos Tradicionais Quilombolas, com base na categoria experiência de E. P. Thompson, procuramos apresentar algumas inferências deste processo, através de elementos metodológicos procedimentais de pesquisa. Para tanto, articulamos conceitos, interrogando evidências, de como ocorrem as experiências vividas (THOMPSON, 1981), tomando como campo empírico os “chãos” de três territórios quilombolas: São José de Icatu, Segundo Distrito e Tambaí-Açu, na Amazônia Paraense, município de Mocajuba, Estado do Pará.

Nestes termos, esta investigação parte da unidade trabalho-cultura-educação como relação fundamental, em que se entende o trabalho como mediador, do metabolismo da sociedade com a natureza (MARX, 2013). Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, conforme Minayo (2016), com enfoque materialista-histórico-dialético.

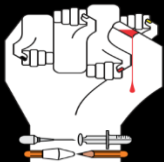
Diante disso, com base em procedimentos de observações livres e anotações de campo, conforme Triviños (1987), coletadas em rodas de conversas em grupos e conversas informais com algumas lideranças quilombolas (2020 a 2022), trianguladas

Realização:



Apoio:





com o inventário de pesquisa<sup>1</sup>, as inferências que seguem, propõe apresentar que processos de formação da classe trabalhadora, podem ser mediados, produzidos e manifestados com o povo em outros chãos além da fábrica, sindicatos, partidos.

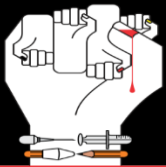
Compreendida de forma ampliada de acordo com Thompson (1981, p. 188), a classe trabalhadora também pode acontecer em territórios de povos/comunidades tradicionais quilombolas, já que a formação perpassa fundamentalmente, pelo “próprio fazer-se” (THOMPSON, 2020) que, para Lukács (2003, p. x), “[...] está longe de ser estável, ou de progredir segundo ‘leis’ mecânicas [...]” e portanto, conforme Marx e Engels (2009, p. 44, grifo nosso), trata-se, “[...] desde o começo, de um produto social, e continuará a sê-lo enquanto existirem homens e mulheres”.

Assim, as observações demonstram que mulheres e homens em territórios quilombolas, na Amazônia Paraense formam suas “consciências de si”, conforme Marx e Engels (2009), ao integrarem suas lutas, suas ações, relações humanas (e com não-humanos), experiências “[...] encarnadas em tradições, sistemas de valores e formas institucionais [...]”. Essas experiências vividas, sentidas e modificadas encaminham, conforme Thompson (2020), a formação de classe que também precisa ser tratada em termos culturais e não apenas econômicos.

Os territórios quilombolas da Amazônia Paraense, analisados nesta investigação, são observados na contradição capital-trabalho, através dos diversos empreendimentos em prol do agronegócio, dentre eles monocultivos como da pimenta-do-reino, dendê, milho, soja, açaí irrigado, açaí de várzea, cacau, bem como fazendas de criação extensiva de gado, barragens, hidrelétricas, o recente projeto hidrovía Araguaia-Tocantins, que os afetam socio-ambiental-cultural-economicamente e em todas dimensões da biodiversidade.

Essas inferências prévias são possíveis, por razão da experiência nos chãos dos 3 (três) Territórios Quilombolas de Mocajuba, trilhadas pelo trabalho profissional e de participação nos movimentos sociais da pesquisadora, autora deste resumo, proporcionando a imersão nestes territórios. Assim, o lugar de fala da mesma ao fazer parte deste espaço de luta aquilombada, também se torna um desafio enquanto pesquisadora militante, conforme Pereira (2005).

<sup>1</sup> 53 teses, 158 dissertações, 15 artigos publicados em periódicos, 7 artigos publicados no GT9 da ANPED (Associação Nacional de Pesquisadores/as em Educação).



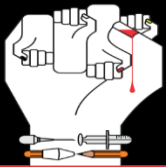
Não obstante, compreende-se, que na exploração da experiência, como nos diz Thompson (1981, p. 15) “aberta do mundo e de nós mesmos” faz-se necessário as “exigências de igual rigor teórico, mas dentro do diálogo entre a conceitualização e a confrontação empírica” que o mesmo Thompson (1981) nos conduz a pensar, como evidências que devem sempre ser interrogadas.

No processo de exploração do campo empírico citado, territórios certificados e titulados, no município de Mocajuba/PA, compostos por 9 (nove) comunidades de quilombos a saber: Vizânia, Itabatinga, Uxizal, São Benedito do Vizeu, Santo Antônio do Vizeu, Mangabeira, Porto Grande, São José de Icatu e Tambaí-Açu, através de Visitas Técnicas-Pedagógicas, realizadas enquanto Coordenação de Formação da Educação Escolar Quilombola – SEMEC (Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura) desde março de 2021, se tornou possível fazer observações livres e anotações de campo, tanto nas rodas de conversas em grupos quanto nas conversas informais individuais, encontros de formação de professoras/es e lideranças quilombolas.

Ressalta-se, que o adentrar nas comunidades de quilombo de Mocajuba/PA, é um processo que exige cuidado, pois faz-se necessário respeitar o que prevê a Convenção 169 (2011), compreendida como primeiro passo a se considerar antes, durante e posterior a permissão de entrada nestes territórios “sagrados”, protegidos por suas e seus guardiões, tanto humanos como não-humanos. A consulta prévia e esclarecida realiza-se, inclusive, enquanto protocolo, em elaboração nas comunidades quilombolas de Mocajuba/PA e Regimentos Internos já existentes das três Associações Quilombolas.

Logo, como primeiro elemento de resposta a indagação bússola desta exposição, para se fazer pesquisa em Territórios de povos/comunidades quilombolas, há que se considerar fundamentalmente a consulta, de forma que as comunidades se sintam livres para aceitarem ou não, quaisquer ações em seus territórios. Assim, a partir da autorização das Comunidades de Quilombo, a pesquisa pode ser iniciada e os demais procedimentos seguem, com mesmo sentido de respeito ao que delibera a Convenção 169.

Deste modo, tem se construído esta pesquisa-tese em andamento, ou seja, com todo cuidado e respeito aos Territórios Quilombolas. E, tem sido este o principal motivo, de estarmos adquirindo, ao longo destes mais de dois anos de pesquisa, informações cruciais para construirmos inferências, que se configuram a partir do que Triviños (1987) nos aponta como ensaios de pesquisa.

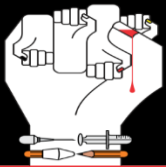


Com base nas experiências vividas cotidianamente de mulheres e homens frente ao Projeto de Sociedade Capitalista, também se observa contradições, pois, embora sejam muitas as tentativas de várias formas de homogeneização, territórios com modos de vida tradicionais, a exemplo de Comunidades Quilombolas, resistem e procuram a seus modos se contrapor à ordem. Isso tem ocorrido, por exemplo, através de Associações Quilombolas, tais como observadas: Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Tambaí-Açu (ACREQTA), da Comunidade Remanescente de Quilombo São José de Icatu (CRESQJI) e Associação de Remanescente de Quilombos do Segundo Distrito de Mocajuba (ARQDMO).

Associações criadas, inicialmente, para organizar comunidades rurais institucionalmente com objetivo de obterem acesso a crédito, moradia, estrada, energia, saúde, educação, ou seja, nasceram das necessidades sentidas de acordo Garcia (2022). Posteriormente a partir da participação das lideranças em movimentos sociais negros, foram reconstruídas como Associações Quilombolas. Com essa experiência, puderam ter acesso aos processos de auto reconhecimento e titulação de suas terras, reconhecimento da Fundação Palmares. Direitos conquistados a partir da Constituição Federal de 1988, abrindo caminho para que tivessem acesso às políticas públicas específicas.

Quilombolas, trabalhadores e trabalhadoras rurais, que estão de algumas maneiras sujeitos ao capital e suas diversas faces, mas que contraditoriamente constroem experiências que os fazem pensar-resistir, inclusive através de práticas de trabalho associado de esforço coletivo – os chamados mutirões. A base metodológica de produzir vida em mutirões, está se reconfigurando nas lutas sociais como: educação escolar quilombola gratuita e de qualidade; luta por formação de lideranças, organizações de mulheres quilombolas; lutas pelos processos de cotas nas Universidades, por saúde, segurança, saneamento básico, energia elétrica de baixo custo, sinal de internet gratuita, enfim, lutas para manterem vivos seus territórios de existência.

As Comunidades Quilombolas, como experiências da relação trabalho-cultura-educação, diferem dos objetivos do modo de produção capitalista-colonialista, a partir da produção comunitária, permeada de valores, tradições, cultura, que apontam experiências compreendidas como não capitalistas, por estar em processo de formação para o que Caffentzis e Federici (2019), afirmam como “produção do Comum”. Ressalta-se, que estamos tratando do Comum como projeto de sociedade coletivo.



Por tanto, se entende que, os comuns anticapitalistas não são o ponto final na luta por construir um mundo não capitalista, mas um possível meio para construí-lo (CAFFENTZIS; FEDERICI, 2019). Por isso, entendemos a partir das experiências, que os processos de produção do comum como reprodução ampliada da vida, nas Comunidades Quilombolas se realizam, por exemplo, ao comercializarem apenas o excedente do que produzem em suas roças, garantindo com isso a soberania alimentar de seus territórios. Neste movimento de construção de si mesmos e das comunidades, as e os quilombolas ainda produzem sentimentos de pertencimento, identidade, processos de formação econômico-cultural.

2573

**PALAVRAS-CHAVE:** Processos de Formação. Comunidades Quilombolas. Experiências. Procedimentos de Pesquisas.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT / **Organização Internacional do Trabalho**. - Brasília: OIT, 2011.1 v.

CAFFENTZIS, George; FEDERICI, Silvia. Comunes contra y más allá del capitalismo. In: *Producir lo Común: Entramados comunitários y luchas por la vida*. El Aplante. **Revista de Estudios Comunitarios**. Traficantes de Sueños: Madri, España, 2019.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GARCÍA, Jesús J.P. Necesidades sentidas: Ensayo sobre Luchas Comunitarias en Territorios Rurales en Cuba y en la Amazonía Tocantina Paraense – Brasil. In.: *Revista Trabalho Necessário: Questão agrária e lutas no campo: experiências camponesas*. ISSN: 1808799X n.41, Niterói, Rio de Janeiro, jan/abr, 2022.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Tradução: Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

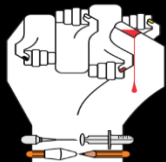
Realização:



Apoio:







RODRIGUES, Doriedson S. **Saberes sociais e luta de classes: um estudo a partir da colônia de pescadores artesanais Z-16 Cametá/Pará**, 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

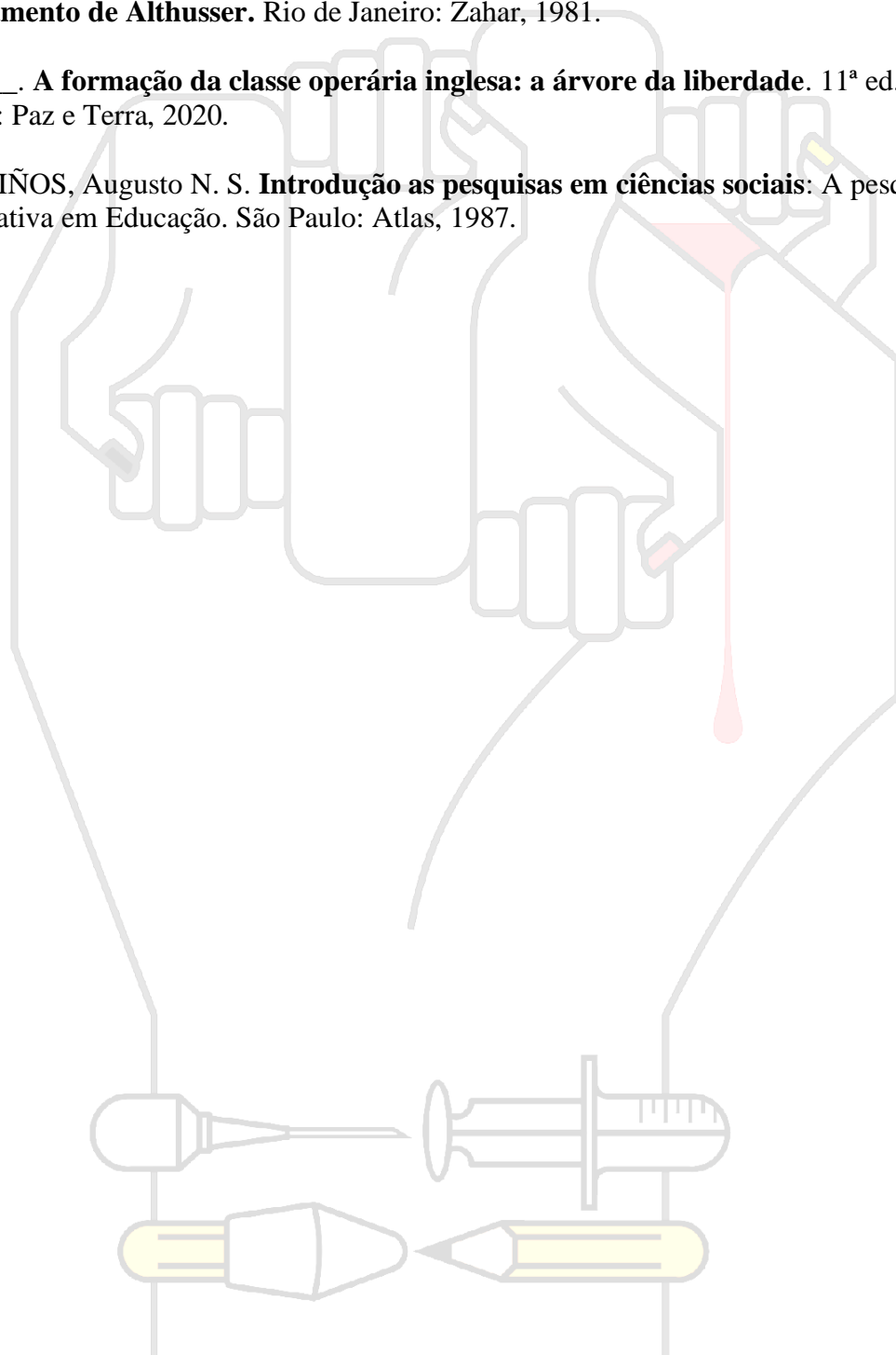
SILVA, Gilmar P. da. **Trabalho, educação e desenvolvimento: o norte da educação da CUT na Amazônia**. 2005. 178 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução as pesquisas em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

2574



Realização:



Apoio:

